



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a inauguração simultânea de oito usinas termelétricas a biomassa de cana no estado de São Paulo

Barra Bonita - SP, 27 de setembro de 2010

Bem, primeiro, eu quero dizer ao povo de Barra Bonita da minha alegria de estar participando deste evento.

Companheiros de Bauru, companheiros de Jaú, companheiros corintianos, palmeirenses, são-paulinos, santistas,

Eu queria dizer para vocês que eu estou muito feliz de estar aqui nesta região porque faz tempo, Elio, que eu não venho para cá, faz tempo que eu não venho fazer uma reunião que atinge uma expectativa que eu sonhei, que os empresários sonharam e que o Brasil precisava e o mundo precisava, e que agora nós estamos concretizando, senão na plenitude que nós gostaríamos, mas estamos dando passos extraordinários para construir e mostrar ao mundo opções de produção de energia alternativa que possam garantir o mundo, ou livrar o mundo da emissão de gases de efeito estufa, que tanto problema tem causado ao planeta Terra.

Por isso, eu queria cumprimentar os meus companheiros ministros que estão aqui,

O prefeito de Barra Bonita, José Carlos de Mello Teixeira,

Cumprimentar o meu querido companheiro Suplicy, senador da República,

Cumprimentar o Rubens Ometto, presidente do Conselho de Administração da Cosan, e cumprimentando o Rubens, eu quero cumprimentar todos os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido Marcos Jank, presidente da Unica,

E o nosso querido companheiro Elio Neves, presidente da Feraesp, por



intermédio de quem eu cumprimento os trabalhadores aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso querido Zimmermann, que estava falando lá em Narandiba,

E também quero cumprimentar o prefeito Enio Magro, de Narandiba,

Quero cumprimentar também o diretor de Tecnologia da Eletrobras, Ubirajara Rocha Meira,

E quero cumprimentar o senhor Carlos Ubiratan, diretor da Cocal II,

Quero cumprimentar, no Mirante do Paranapanema, o nosso prefeito Eduardo Quesada,

Quero cumprimentar o Ildo Grüdtner, secretário de Energia Elétrica do Ministério de Minas e Energia,

E quero cumprimentar o Luiz Pereira de Araújo Filho, vice-presidente da ETH Bioenergia,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes: prefeito de Areiópolis, senhor José Pio de Oliveira; prefeito de Bauru, Rodrigo Agostinho; prefeito de Bocaina, Marco Antonio; prefeito de Brotas, Antonio Salla; prefeito de Fartura, Paulo Amamura; prefeito de Igaraçu do Tietê, Carlos Augusto Gama; prefeito de Mineiros do Tietê, João Sanches; prefeito de São Manuel, Tharcílio Baroni Júnior e acho que acabaram os prefeitos aqui.

E quero cumprimentar aqui todas as pessoas que nós estávamos vendo na televisão, e eles também estavam nos vendo.

Eu acho que, para ser rápido e preciso, eu queria apenas dizer para as pessoas que hoje é um marco importante para nós – para nós do governo, para nós trabalhadores, para nós empresários e, sobretudo, para o setor de energia do Brasil. Nós estamos, na verdade, hoje, inaugurando praticamente 543 megawatts de energia alternativa em todas as empresa que foram citadas: são 136 megawatts em Barra Bonita; são 35 megawatts em Clealco/Queiroz, em Queiroz; são 160 megawatts em Narandiba; são 100 megawatts em Conquista



do Pontal - Mirante do Paranapanema; são 33 em Pitangueiras; são 30 megawatts em Cosmópolis; são 19 megawatts em Iacanga; 30 megawatts em Noble Energia, em Sebastianópolis.

Eu não sei se faltou alguma coisa, mas são essas as usinas – algumas já estão funcionando há algum tempo – e eu queria, Elio, dizer para você da alegria de estar aqui inaugurando essas usinas. Essas usinas fazem parte do PAC. Na verdade, um total de investimento de R\$ 900,41 milhões, sendo que, dos 900 milhões, R\$ 853 milhões serão investidos até o dia 31 de dezembro de 2010. Aqui tem um forte financiamento do BNDES. Eu acho que a parceria construída entre o empresariado do setor e o BNDES é que permitiu que a gente pudesse, no dia de hoje, estar comemorando o fortalecimento da produção de energia através da biomassa.

É importante que as pessoas saibam o seguinte: entre janeiro de 2003 e agosto de 2010, o parque brasileiro de geração elétrica teve um acréscimo de 28.409 megawatts em sua potência instalada. Desse total, 4 mil megawatts são de usinas termelétricas que utilizam a biomassa como combustível. Apenas no estado de São Paulo, a biomassa passou a gerar mais 2.186 megawatts. Marcos, se eu estiver errado, você vai balançando a cabeça que não ou que sim, porque aí eu mudo o meu discurso aqui.

Bem, esse acréscimo de potência de energia no estado de São Paulo é suficiente para suprir a energia de aproximadamente 3,6 milhões de pessoas. Apenas neste ano de 2010, foram acrescentados 4.051 megawatts de potência instalada no país. Desse total, 1.261 megawatts - 31% - veio de usinas térmicas a biomassa, dos quais 665 megawatts foram instalados aqui, no estado de São Paulo.

As usinas térmicas de biomassa representam hoje o equivalente a 6,6% da matriz energética em todo país. Atualmente estão em operação 375 usinas, representando 7.265 megawatts. Verdade, Marcos? Verdade. Muito bem.



Bem, eu digo isso aqui, companheiros... eu vou deixar o meu discurso aqui e vou falar ali, onde estão as mulheres cortadoras de cana que eu vi aqui, no canto. É importante, é importante que vocês saiam daqui sabendo que o dia de hoje é importante para vocês, é importante para os empresários, é importante para os prefeitos, importante para o governo de São Paulo e para o presidente da República do Brasil. Por quê? Porque hoje nós estamos produzindo energia de uma coisa que era jogada fora, ou de uma coisa que era queimada, que não servia para nada, que era o bagaço da cana. Depois de moído, depois de fazer a cachaça, depois de fazer o álcool, depois de fazer o que eles quisessem fazer... Certamente aqui não produz uma caninha, não, produz? Só uma reserva especial para os donos, que eu espero, um dia, que eu e o Elio sejamos premiados com uma *garrafita*.

Pois bem. Então, agora, agora, aquilo que era jogado fora, aquilo que era um estorvo, aquilo que era uma inquietação para os empresários, porque não sabiam o que fazer, agora está virando energia elétrica para tocar a usina, para acender a luz da casa da gente, para acender a televisão, para acender o nosso liquidificador, a nossa geladeira, no domingo – quando a gente vai tomar uma cervejinha, se ela não estiver gelada, a gente acha ruim; se ela estiver geladinha, a gente pode saber que a gente está com a cervejinha gelada com energia produzida não por óleo diesel e não apenas por água, mas produzida por bagaço de cana.

E agora vai ter uma coisa mais importante: vocês que são do corte de cana sabem como é desagradável cortar cana cheia de folhas, não é? Como machuca! Então, se inventou de queimar a cana, fazer aquelas queimadas para depois entrarem os cortadores, e aquilo também não era bom. Aquilo matava rato, matava cobra, matava um monte de coisas aí, e vocês depois tinham que entrar para cortar e saíam de lá como se estivessem trabalhando em uma carvoaria, não é?

Pois bem, a gente agora não vai precisar mais, porque, como a máquina



vai cortar cana no lugar de vocês – e isso é uma coisa irreversível. Eu estive agora, nesses dias, visitando uma exposição de máquinas lá em Esteio, no Rio Grande do Sul. Cada máquina daquela vai substituir 100 pessoas no corte de cana, cada máquina. Agora, veja, eu acho que é motivo para apreensão, como disse o companheiro Elio, mas também é importante saber que o que vai acontecer com a entrada das máquinas, é porque nós achamos que é desumano um ser humano trabalhar no corte de cana. Então, nós temos que assumir a responsabilidade de criar condições de formar vocês para que vocês possam aprender uma profissão e ganhar o mesmo que ganham no corte de cana – ou mais –, trabalhando em outra atividade. Porque, se os empresários, se os prefeitos, se o governador, se o presidente da República, se o sindicato não estiverem preocupados com isso, a gente vai colocar máquina, e, em vez de a gente ter uma trabalhadora ou um trabalhador mais especializado, a gente vai ter uma pessoa desempregada, sem receber salário, passando necessidade, passando privações, às vezes tendo que sair da casinha que mora para ir para um barraco bem longe, e, em vez de a gente estar construindo desenvolvimento, a gente estaria construindo miséria e pobreza neste país. Não é isso que nós queremos, e eu tenho a certeza de que não é isso que vai acontecer no nosso país.

E a gente não vai precisar mais queimar a cana lá. Por que não vai precisar? Não só porque do ponto de vista ambiental não é correto, mas também porque agora as folhas da cana, a palha da cana vai ser utilizada para fazer o quê? Energia elétrica. Então, você também vai pegar tudo aquilo que antes a gente cortava e deixava lá para queimar, agora a gente vai produzir energia com aquilo lá, e isso vai ajudar que o país seja... que o Brasil seja o país do mundo com a energia mais limpa e mais eficiente do mundo.

Porque você tem algumas opções para produzir energia hoje: você tem a elétrica, que é a mais famosa do Brasil, que é energia elétrica construída à base da água; você tem a energia nuclear, que é... nós temos duas aqui,



estamos, agora, começando a terminar a terceira, mas é que, em países como a França, 90% é energia nuclear. É sempre muito importante, é muito garantido, mas sempre tem o problema de Chernobyl, que a gente não esquece até hoje. No Brasil não aconteceria o que aconteceu em Chernobyl nunca, mas nuclear é sempre nuclear. Depois, é uma energia limpa, é uma energia cara, e é uma energia que o Brasil... se quiser fazer, o Brasil tem que importar tecnologia.

Depois, tem a energia eólica, que é aquela de vento. Nós temos alguns lugares no Brasil em que a gente está fazendo um exemplo de produção de energia com aquela hélice que vocês veem rodando aí. Nós já temos boas experiências, e no Nordeste a gente tem um potencial de produzir energia eólica, mas não é tão consistente quanto a energia hídrica ou quanto a biomassa.

Depois, nós temos outros tipos de energia: óleo diesel, por exemplo. Não nos interessa fazer, porque é muito poluente e é muito cara. Você tem a gás. É muito importante, é menos poluente, mas nós não temos todo o gás que nós precisamos, do mundo. Agora, com o pré-sal, talvez a gente tenha gás. Só que o nosso gás tem muito enxofre, então é preciso saber o que a gente vai fazer com o enxofre para a gente separar o enxofre e trazer o gás mais limpo, para a gente poder aumentar a hidrelétrica [termelétrica].

Fora isso, é biomassa, fora isso, é biomassa... nós... tanto para produzir energia elétrica, quanto para produzir etanol de segunda geração.

Há uma coisa importante que vocês, que cortam cana, devem se orgulhar. Nem sempre a gente sabe o benefício que a gente faz na função. Nem todo trabalhador da indústria automobilística sabe para que serve a peça que ele coloca no carro.

Vocês, hoje, têm que ter dimensão do seguinte: o Brasil passou a ser respeitado no mundo com a questão da cana. Por que o Brasil passou a ser respeitado no mundo? Porque o mundo rico – seja Europa, seja Japão, sejam



Estados Unidos –, eles têm obrigação de parar de utilizar combustível no seu carro ou na sua indústria que gere gases de efeito estufa, que poluam o planeta Terra. Então, eles têm que utilizar outra coisa, e vão ter que utilizar etanol, vão ter que utilizar o nosso álcool. Nos Estados Unidos, eles produzem álcool de milho, diferentemente de nós que aprendemos que milho a gente dá para a galinha, para engordar para a gente comer depois, sobretudo se a galinha for poedeira, para colocar uns ovinhos para a gente comer, nos Estados Unidos, eles produzem álcool. O mesmo que nós fazemos de cana, eles fazem de milho. Só que, fazendo de milho, eles encarecem a ração animal, eles encarecem o milho que a gente dá para o cavalo, dá para a cabra, dá para... não pode dar muito milho para bode porque o bicho estufa e morre. Mas... Tudo aquilo que era ração animal, na hora que os Estados Unidos produzem, de milho, eles encarecem, e o álcool americano custa três vezes o preço do nosso álcool.

É por isso que nós ficamos importantes. É porque agora eles têm uma tarifa para impedir que o nosso etanol chegue lá. Eles têm uma tarifa, eles cobram uma taxa. Mas eu acho que a realidade vai obrigá-los, a qualquer momento... e o Marcos disse que o Congresso americano está para votar, eles vão ter que abrir para importar o álcool nosso.

Quando eles abrirem para importar o álcool nosso, aí vai ter mais empregos, vai ter mais cana, vai ter mais usina, e vai ter mais emprego, necessariamente, não no corte da cana, mas no trabalho na usina, no setor de serviço, como maquinista, como mecânico. Nós vamos ter que criar outro tipo de serviço para vocês, sobretudo para as mulheres. Esse serviço é duro, esse serviço é duro porque as mulheres trabalham em parte porque elas querem ajudar a sustentar a sua família. Em muitos casos, a mulher é quem manda na família. Em muitos casos, ela é a única que trabalha para sustentar a família. Essa é uma razão. A outra razão é que, mesmo que a mulher tenha marido, ela quer ajudar, porque o salário dele sozinho não dá. Uma outra razão é que o



trabalho doméstico é chato para caramba. Nenhuma mulher... Se empregado [trabalho] doméstico fosse bom, Eduardo, quem fazia era a patroa. Se empregado [trabalho] doméstico fosse bom, quem fazia era a patroa, ou o marido, não deixava a mulher fazer: “É tão bom que eu vou fazer”. Então, a mulher trabalha também para se livrar do trabalho doméstico, porque é chato a mesma coisa todo dia: limpa cama, limpa mesa, limpa sofá, varre o chão, lava a cozinha, lava banheiro, dá banho na molecada, almoço para a molecada, café para a molecada, janta para a molecada; o marido chega de noite, e pede cafezinho, e pede cervejinha. O filho da mãe não levanta a bunda nem para mudar o canal de televisão.

Então, por tudo isso, nós temos que pensar no trabalho da cana como alternativa, mas humanizar o trabalho da cana. Daí porque eu quero agradecer a compreensão do companheiro Elio, um dos mais importantes sindicalistas que eu conheço da área, talvez o mais comprometido com os trabalhadores do corte de cana do Brasil; quero cumprimentar o Marcos, porque a Unica teve um papel extremamente importante representando os empresários do setor; e quero cumprimentar o companheiro Dulci, que foi o ministro que, da parte do governo, coordenou para a gente humanizar o trabalho na cana-de-açúcar.

Enquanto vocês estiverem trabalhando, tem que ter a garantia da água de qualidade, tem que ter a garantia do banheiro, tem que ter a garantia do bom transporte para vocês irem e para vocês voltarem, tem que ter a garantia de condições de trabalho mínimas que qualquer cidadão precisa na face da Terra. Não é possível que você pegue um caminhão velho, um ônibus velho, como era antigamente, leva lá, solta aquele bando de homens e mulheres e vai buscar no final da tarde só, deixa lá como se fossem bichos.

Então, humanizar o trabalho é uma coisa importante que nós estamos construindo, e eu tenho fé em Deus que a gente vai servir de exemplo para todo o território nacional, e que a gente vai juntos, juntos – não é apenas o governo sozinho, ou os empresários sozinhos, ou os trabalhadores sozinhos –,



juntos, empresários, governo e trabalhadores, envolvendo prefeitos, governo do estado, governo federal, a gente vai construir uma alternativa para que vocês que trabalham no corte de cana hoje possam trabalhar amanhã, depois de amanhã, no ano que vem, em um outro trabalho tão digno do ponto de vista do trabalho, mas menos penoso, menos sofrível do que é o trabalho no corte da cana.

Por isso, eu quero dar os parabéns aos empresários pela inauguração das usinas térmicas, da termelétrica a biomassa... da termo a biomassa, e quero dizer para vocês que, da parte do governo federal, nós vamos continuar fazendo todo o incentivo para que a gente ensine a Europa e os Estados Unidos de que nós, aqui no Brasil, nós não apenas falamos em um mundo menos poluído, em um mundo menos, eu diria, com menos gás do efeito estufa. Nós estamos cumprindo a nossa parte: o Brasil é hoje o país do mundo que tem a energia mais limpa do planeta, mais limpa do planeta. Ninguém pode levantar o nariz ou empiná-lo para conversar com o Brasil sobre energia; quando alguém quiser utilizar a palavra energia limpa, esteja onde estiver, em qualquer lugar do mundo, eles têm que olhar para o mapa e saber que tem um país chamado Brasil que não fala, faz a energia mais limpa do planeta Terra.

Um abraço, parabéns e boa sorte aos trabalhadores e ao povo brasileiro.

(\$211A)